



**VIDERE**

V. 17, N. 36, JAN - JUN. 2025

ISSN: 2177-7837

Recebido: 08/12/2023  
Aprovado: 24/02/2026

Páginas: 26 - 42

DOI: 10.30612/videre.  
v17i36.17788

\*

Doutora  
Universidade Federal de  
Mato Grosso do Sul  
tais.fenelon@ufms.br  
OrcidID: 0000-0002-6234-4904

\*\*

Mestre  
Universidade Federal de  
Mato Grosso do Sul  
wevertonvelasco1996@gmail.com  
OrcidID: 0000-0002-3322-070X



# A REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ EM NOTÍCIAS REGIONAIS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA

THE REPRESENTATION OF THE LGBTQIAPN+  
COMMUNITY IN REGIONAL NEWS IN THE  
CONTEXT OF VIOLENCE

LA REPRESENTACIÓN DE LA COMUNIDAD  
LGBTQIAPN+ EN LAS NOTICIAS REGIONA-  
LES EN EL CONTEXTO DE VIOLENCIA

TAÍS MARINA TELLAROLI FENELON\*

WEVERTON DAVID VELASCO\*\*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar como a comunidade LGBTQIAPN+ é representada em matérias no contexto da violência publicadas pelo portal de notícias “Campo Grande News” (Campo Grande - MS) no período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2019. A pesquisa analisou o conteúdo de sete reportagens que apresentaram a temática do preconceito referentes à minoria onde foi possível identificar as editoriais, temáticas, recursos midiáticos, formato, critérios de noticiabilidade, conteúdo das matérias e termos e expressões pejorativas utilizadas no corpo das notícias. A pesquisa revelou que o tema repercute uma visão deturpada da sociedade quanto à comunidade LGBTQIAPN+ a partir do conteúdo manifesto nas reportagens no contexto de MS.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBTQIAPN+; homofobia; violência; notícia.

## ABSTRACT

The present work aims to identify how the LGBTQIAPN+ community is represented in articles on violence published by the news portal “Campo Grande News” (Campo Grande - MS) from January 1st to December 31st, 2019. The research analyzed the content of seven reports that presented the theme of prejudice relating to minorities, where it was possible to identify the editorials, themes, media resources, format, newsworthiness criteria, content of the articles and pejorative terms and expressions used in the body of the news. The research revealed that the topic reflects a distorted view of society regarding the LGBTQIAPN+ community based on the content expressed in reports in the context of MS.

**KEYWORDS:** LGBTQIAPN+; homophobia; violence; news.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo identificar cómo la comunidad LGBTQIAPN+ está representada en artículos en contexto de violencia publicados por el portal de noticias “Campo Grande News” (Campo Grande - MS) del 1 de enero al 31 de diciembre de 2019. La investigación analizó el contenido de siete reportajes que presentó la temática de los prejuicios hacia las minorías, donde fue posible identificar los editoriales, temáticas, recursos mediáticos, formato, criterios de noticiabilidad, contenido de los artículos y términos y expresiones peyorativas utilizadas en el cuerpo de la noticia. La investigación reveló que el tema refleja una visión distorsionada de la sociedad respecto a la comunidad LGBTQIAPN+ a partir del contenido expresado en reportajes en el contexto de MS.

**PALABRAS CLAVE:** LGBTQIAPN+; homofobia; violencia; noticia.

## 1 INTRODUÇÃO

A comunidade LGBTQIAPN+, além de ser historicamente marginalizada e alvo de diversas formas de preconceito, também sofre com a maneira como é representada pela mídia. Muitas vezes, reportagens que se referem às pessoas LGBTQIAPN+ reforçam estereótipos, ou reproduzem narrativas que reforçam preconceitos, contribuindo para a desinformação e a manutenção de estigmas sociais. Este estudo teve como escolha o marco temporal, para a análise do conteúdo, o mês de junho de 2019, quando o Supremo Tribunal Federal – STF decidiu pela criminalização da homofobia e da transfobia, com a aplicação da Lei do Racismo (7.716/1989). Portanto, a homofobia se tornou crime inafiançável e imprescritível visando garantir proteção jurídica e dignidade a esta população específica.

Com o objetivo de compreender como a comunidade LGBTQIAPN+ é representada em notícias no contexto da violência publicadas pelo portal de notícias “Campo Grande News” foram coletadas, no período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2019, 49 matérias publicadas no portal “Campo Grande News”, seguindo as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 1977, p. 97).

Durante as publicações de 2019, identificou-se que a homofobia foi uma pauta presente no portal “Campo Grande News”, avaliada a partir da frequência das publicações de conteúdos voltados para a comunidade LGBTQIAPN+.

## 2 COMUNIDADE LGBTQIAPN+ E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais são interpretações do real determinadas a partir da estrutura de uma sociedade. Entretanto, não se pode afirmar que as representações sociais são o resultado exato dessa estrutura, visto que as normas e os padrões de moral, ou os valores sociais daquela população estão como uma forma de orientar aquelas pessoas. Porém, isso não significa que as atitudes tomadas serão de fato baseadas nessas “orientações”. Essas motivações dependem das experiências individuais vividas por cada ser humano:

O mundo em que vivemos é totalmente social, portanto: nós nunca conseguiremos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações ‘superimpostas’ aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos (Moscovici, 2004, p. 33).

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Woodward, 2009, p. 17). Dessa forma, constata-se que a representação social é responsável por promover a comunicação entre grupos sociais, gerando consenso através de discussões sobre diversos tipos de assuntos que envolvem a sociedade. Em suma, é possível concluir que ela também é responsável pela criação de estereótipos e estigmas por meio de palavras e opiniões formadas ao longo da formação de cada pessoa:

Em nossas estruturas mentais há uma naturalização de valores estocados em nossa história social, que acabam por ser transformados em estereótipos evidentes. Barthes problematiza a narração dos acontecimentos passados, que na nossa cultura é submetida à sanção da ciência – que carrega junto valores de real, com princípios racionais – questionando seu afastamento das narrativas imaginárias, como o romance e o drama (Feix, 2017, p. 9).

No que tange a identidade social, a mesma ocorre dentro da representação social, através da cultura. Dessa forma, a identidade de cada ser humano é formada a partir do social e material que fizeram parte da formação dele enquanto pessoa, além disso, “há também a dimensão psicológica, a qual está associada à posição e ao compromisso que o indivíduo assume com a sua própria identidade” (Godoy; Santos, 2014, p. 30).

Para Woodward (2009) a identidade possui sentido a partir da linguagem e dos símbolos que regem o sistema de representação de cada sociedade. A autora afirma que esse intermédio age de forma a classificar, quantificar e relacionar o mundo e nós mesmos. Woodward ainda ressalta que a identidade depende de algo fora daquela existência para se formar como um todo, além disso, a identidade social de cada indivíduo é apoiada pela exclusão social. Esse processo de inclusão e exclusão “fornece novas formas de se dar sentido à experiência de divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas” (Woodward, 2009, p. 19).

No que tange à representação LGBTQIAPN+<sup>1</sup> dentro do jornalismo, notam-se pouquíssimos avanços no que se refere a diversidade de gênero e sexualidade. A comunidade vem de um longo debate, que começou em um bar gay (*Stonewall*), cenário dos protestos de 1969, que deram início ao movimento LGBTQIAPN+, a fim de reafirmar o processo de identidade e a diversidade sexual e de gênero como algo genuíno que faz parte da sociedade, assim como processos básicos de identidade, como o direito à educação e a cidadania.

A comunidade LGBTQIAPN+ é um dos grupos considerados “diferentes” e que sofrem preconceitos e retaliações devido à reprovação por parte de seguidores e de igrejas cristãs tradicionais “essas igrejas cristãs tradicionais têm suas próprias convicções interpretativas da escritura sagrada, que são declaradas de maneira incisiva e teológica como sendo uma interpretação imutável, inerrante e infalível” (Brandão, 2021). Essa estreita relação entre religião e homossexualidade contribuiu para o reforço da homofobia na sociedade. Andrade (2016, p. 16) afirma que:

os processos discriminatórios e de marginalização de determinados sujeitos ou grupos, fundamentam-se nessa lógica de (re)petição de uma norma como doutrina cultural, excluindo as pessoas e grupos que não se encaixam nesse conceito. É nessa conjuntura que a diversidade sexual e as expressões de gênero são discriminadas e condenadas.

Pessoas homossexuais ainda são consideradas um tabu para uma grande parcela da população. Dessa forma, estereótipos foram e ainda são criados, sendo eles em sua maioria de cunho sexual, sempre ressaltando a negatividade em prol de crenças e moralismos. De acordo com estudos realizados o termo “viado” é utilizado como forma de ofensa, a homofobia contribui com o fracasso escolar da comunidade LGBTQIAPN+, e em relação a mulheres transexuais e travestis aponta-se três categorias que contribuem com o preconceito, a família que exclui, a escola como um lugar que reproduz o preconceito, e a rua que ampara e traz vulnerabilidade (Santos; Araújo; Negreiros, 2018, p. 60).

De acordo com Louro *et al.* (2000) a sociedade criou um padrão de certo e errado, principalmente ao falarmos de sexualidade, classe, raça e gênero. Segundo os autores, apenas o “[...] homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (...) passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os ‘outros’ sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência”. Louro *et al.* ainda afirmam que a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (Louro *et al.*, 2000, p. 9).

---

1 A sigla LGBTQIAPN+ representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero representadas pelas palavras: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades incluídas pelo símbolo “+”.

### 3 A VIOLÊNCIA NA MÍDIA

A origem da terminologia “violência” vem do latim, *violentia*, e expressa o ato de violar outra pessoa ou violar a si mesmo. Além disso, Paviani (2016, p. 8) afirma que este termo “[...] parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos, tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas”.

A violência sempre esteve presente no cotidiano da sociedade. A cada ano milhares de pessoas sofrem com agressões, palavras de ódio e, muitas vezes, perdem a vida. Segundo Dahlberg e Krug (2002), “estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo” (Dahlberg; Krug, 2002, p. 1164). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Enquanto propagadores da realidade humana, os portais de notícias são responsáveis por divulgarem matérias com a temática da violência. Nem todos os sites possuem um editorial específico, mas a maioria divulga o conteúdo diariamente, visto que é um dos tipos de informação mais acessada nos veículos de notícia. Segundo Stacciarini (2013), a violência é e sempre será um assunto diário nos sites de notícias. A autora ainda afirma que “o gosto pelo terrível e o desconcertante é a garantia da permanência do grotesco na história, nas artes e também nas mídias contemporâneas” (Stacciarini, 2013, p. 25).

Ao produzir e compartilhar informações que envolvem crimes e violência, os meios de comunicação acabam tornando essa temática um assunto de grande interesse, visto que as coberturas costumam ser detalhadas e chamativas, ao passo que o leitor se vê na curiosidade de ler e até mesmo compartilhar com amigos e familiares. Para Carvalho, Freire e Vilar (2012, p. 436), a informação jornalística “[...] já não basta; o importante passa a ser a perpetuação do interesse pelo crime, comparável ao que ocorre nas novelas, no sentido de levar ao extremo os acontecimentos para envolver os indivíduos”.

Nasi e Andretta (2016) apontam que a morte não é o único destaque no jornalismo, quando o tema é a violência. Há também o foco voltado à criminalidade em geral como furtos, roubos, tráfico, agressões, brigas, homicídios etc. As autoras afirmam que geralmente esses assuntos são considerados no jornalismo como de “segurança pública”. Para Miranda (2016), “toda preocupação e demanda da massa – apoiada, reproduzida e manipulada pela mídia se volta para o apelo de como tornar as relações humanas isentas deste infortúnio” (Miranda, 2016, p. 2).

Os meios de comunicação, em especial as grandes mídias, são responsáveis por ditar tendências e desviar a atenção do público para determinadas temáticas abordadas, como afirma Noam Chomsky (2013). Segundo o autor, os meios de comunicação de massa não apenas informam, mas também moldam a opinião pública de acordo com os interesses políticos e econômicos de grupos dominantes. Seja através de discursos influenciando a opinião pública ou inserindo imagens e textos tendenciosos e sensacionalistas, os veículos comunicacionais são capazes de definir o que é ou não relevante na pauta do cotidiano.

O Atlas da Violência<sup>2</sup>, estudo realizado periodicamente que tem como foco o índice de violência no Brasil, aponta os três grupos que mais sofrem no país: as mulheres, a população negra e a comunidade LGBTQIAPN+. O presente trabalho aborda especificamente este último grupo.

No que diz respeito à mídia, diariamente a comunidade LGBTQIAPN+ é representada por meio de terminologias homofóbicas em alguns dos portais de notícias tanto regionais, quanto nacionais, conforme a pesquisa de Lopes (2018) que aborda a legitimação da homofobia e transfobia e faz uma análise pragmática de algumas mídias como difusoras da discriminação evidenciando as expressões de gênero em diferentes espaços midiáticos revelando que “assim como a mídia reflete a sociedade que a produz, também alimenta essa sociedade.” e “a maneira como as temáticas homossexual e transexual estão representadas revela uma visão ainda estereotipada da sociedade”.

Silva (2002, p. 7) afirma que a mídia defende “os interesses de uma classe hegemônica dominante que, por sua vez, defende os interesses do capital, já que este controla os meios de comunicação, intervindo de forma contundente na veiculação da notícia, deixando claro seu caráter mercadológico”. Em contrapartida, quando a mídia evidencia a comunidade LGBTQIAPN+ por meio de coberturas noticiosas, contribui para a visibilidade do movimento, mesmo que, amplifique a massificação da homofobia e suas consequências (Carvalho, 2012). Dessa forma, nota-se a importância de pautar assuntos de forma coerente que envolvam direta e indiretamente esse movimento. “A mídia desempenha um importante papel, uma vez que, na insuficiência de dados oficiais, contribui para o fornecimento de informações necessárias para a produção de estatísticas” (SILVA *et al.*, 2020, p. 2).

Para Morin (2003) a violência que os meios de comunicação divulgam nada mais é que o resultado de ações diárias, ou seja, o conteúdo divulgado pelos meios de comunicação é apenas um reflexo da sociedade.

---

2 Periódico realizado no ano de 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>

A temática desta pesquisa busca refletir sobre a representação da comunidade LGBTQIAPN+, com o intuito de promover uma discussão mais ampla no âmbito da comunicação. A internet, facilita o espaço midiático informativo voltado a essa minoria, ampliando as possibilidades de comunicação e troca de informações. Porém, não se sabe ao certo qual é o caráter desse conteúdo ou qual é a sua intenção, mas nota-se que é possível refletir sobre a realidade vivenciada por essa comunidade.

Dessa forma, torna-se possível verificar a maneira como a violência contra a pessoa LGBTQIAPN+ é apresentada na imprensa local, mais especificamente no portal “Campo Grande News”, veículo de comunicação escolhido como objeto de pesquisa, que possui alcance regional no Mato Grosso do Sul. Será possível identificar como a comunidade LGBTQIAPN+ é representada, assim como os tipos de violência divulgados nas matérias seja ela física, institucional, psicológica, sexual ou simbólica, além de poder contar com a Constituição Federal Brasileira para trazer os direitos garantidos em lei além dos dados de violência contra pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

#### **4 PORTAL DE NOTÍCIAS “CAMPO GRANDE NEWS”**

O portal “Campo Grande News” foi o primeiro veículo de comunicação criado especificamente para produzir conteúdo *online* em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, para atender as transformações do jornalismo em decorrência da popularização da internet, dando início a suas atividades em 4 de março de 1999.

Conforme Fortuna (2014), essa inovação aconteceu por meio de uma parceria entre o empresário Miro Ceolim e o jornalista Lucimar Couto, para atender a migração de leitores assinantes de jornais e revistas para acesso gratuito aos sites de notícias que se tornaram mais conhecidos. Muitos não acreditavam na sobrevivência do portal de notícias, pois naquele período se utilizava internet discada, o serviço era caro e poucas pessoas tinham acesso. No entanto, após criar o *layout* do site e publicar as primeiras matérias, veio uma surpresa: foram registradas 20.000 visitas em apenas um mês, e a produção precisava ser ampliada (Tellaroli, 2007). O portal de notícias conseguiu diminuir o tempo que os leitores levavam para ter acesso às notícias que aconteciam na cidade, não havendo mais a necessidade de aguardar o dia seguinte para ter acesso ao conteúdo impresso, logo surgiram também os primeiros anunciantes.

Atualmente a estrutura do veículo conta com uma equipe formada por jornalistas, fotógrafos, *webmasters*, motoristas, publicitários, estagiários e funcionários do setor administrativo. Na busca por atender a demandas dos internautas, o “Campo Grande News” detém de aplicativo, o “Campo Grande News Conteúdo de Verdade” que pode ser baixado e acessado pelos celulares, dessa forma seu conteúdo é amplamente difundido, e por último lançou a TV News onde são divulgadas notícias em formato de

vídeo. O conteúdo publicado é dividido em vinte e oito editorias. As notícias publicadas no portal “Campo Grande News” são armazenadas em banco de dados internos e podem ser acessadas por meio do sistema de busca do site. O internauta tem a opção de buscar pelas matérias optando por três tipos de filtros fornecidos pelo portal: data, editoria ou palavra-chave.

## 5 A REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NO “CAMPO GRANDE NEWS”

Com objetivo de compreender como a comunidade LGBTQIAPN+ é representada no contexto da violência em reportagens veiculadas pelo portal de notícias “Campo Grande News” foi realizada uma Análise de Conteúdo, adequada conforme a proposta desta pesquisa. A linha do método foi escolhida devido à sua natureza híbrida, ela se ocupa basicamente da análise de mensagens, que permite a apuração utilizando dados quantitativos e qualitativos. Bardin (1977, p. 42) define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A composição do *corpus* se mostrou uma tarefa difícil, que implicou em escolhas para a elaboração de um plano de análise. Foram coletadas 49 matérias publicadas no portal “Campo Grande News”, durante o período de 12 meses, de 1 de janeiro a 31 de dezembro do ano de 2019, seguindo as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 1977, p. 97). Por meio da ferramenta de busca utilizou-se as palavras-chave “LGBTQIA+” e violência. A temática “comunidade LGBTQIA+”, é pautada em diversas editorias do portal. Mesmo que a produção sobre esses assuntos não seja em larga escala é notável que houve produção de conteúdo com a presente temática durante o período. Para esta análise foram selecionadas sete reportagens de autoria própria<sup>3</sup> do portal que apresentaram a temática do preconceito ou termos pejorativos referentes à comunidade LGBTQIAPN+. Para selecionar as matérias de análise, foram realizadas leituras de todo o corpus, sendo que, sete delas apresentaram elementos como preconceito ou falas estereotipadas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+, como mostra o Quadro 1.

---

3 Geralmente os portais de notícias acabam reproduzindo releases e notícias de outros portais.

Matérias Analisadas	Data de publicação
Após ofender juristas de MS e gays, membro de igreja é denunciado no RJ	08/03/2019
Políticas públicas referentes ao HIV e Aids: onde estamos e para onde iremos?	25/03/2019
Presas, travestis dividem cela de 30 e sofrem preconceito até para trabalhar	01/04/2019
Duro não é ser mãe, mais difícil ainda é ser mãe de “preto ou de gay”	12/05/2019
Para fim de polêmica em doação de sangue, lei derruba artigo que barra gays	07/08/2019
Na busca por liberdade como mulher trans, Márcia viu todas as amigas morrerem	09/09/2019
Melhor drag de MS, Eder era “sensacional como pessoa e artista”, dizem amigos	20/12/2019

**Quadro 01:** Notícias publicadas no portal “Campo Grande News” no ano 2019 que apresentaram elementos como preconceito ou falas estereotipadas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Optou-se pela utilização de categorias para classificar o conteúdo e conduzir as análises das sete notícias quanto à editoria, temática, recursos midiáticos, formato, critérios de noticiabilidade, conteúdo das matérias e termos e expressões pejorativas utilizadas.

**Editoria:** as sete notícias apareceram em quatro editorias do jornal, sendo a maior frequência na editoria de Comportamento com três notícias, seguido de Cidades com duas, e Capital e Artigos com uma cada.

**Temática:** aqui o foco é verificar o motivo da comunidade LGBTQIAPN+ ser citada no noticiário, e então, constatar em qual temática esse é mais abordado, independente das editorias de publicação definidas pelos jornais. O tema “saúde pública LGBTQIAPN+” apareceu duas vezes, “manifestações homofóbicas”, “prisão e discriminação”, “igualdade nas identidades de gênero”, “desafiando estatísticas e morte” apareceram uma vez.

**Recursos midiáticos:** Em seguida foram analisados quais recursos midiáticos foram utilizados pelo “Campo Grande News” nas sete matérias, sendo eles: *hiperlink*, áudio, vídeo e foto. O recurso *hiperlink* foi utilizado em seis matérias onde levavam os leitores a mais assuntos dentro do próprio portal como saúde, educação, cultura, lazer, esporte entre outros.

O recurso de áudio está presente em todas as sete matérias, onde converte instantaneamente as palavras do texto em voz. Esse recurso faz parte das Diretrizes de Acessibilidade de Conteúdo Web baseadas na Lei 13.146/2015, onde a acessibilidade está vinculada à criação de alternativas adaptativas para garantir e promover, em igualdade de condições, o consumo de informações por pessoas com deficiência.

Uma notícia teve a presença do recurso vídeo, que na ocasião o uso desse recurso foi uma alternativa para substituir e complementar o conteúdo, visto que a matéria se tratava de uma denúncia e o vídeo mostra exatamente a fala do denunciado. Por fim, o recurso foto esteve presente em seis matérias, tendo sido utilizado de forma informativa, permitindo ao leitor visualizar informações que complementam o texto de maneira simples e dinâmica.

Formato: O “Campo Grande News” produziu do total de sete matérias, três reportagens e quatro notícias, Segundo Winques (2015) a notícia tem como objetivo relatar acontecimentos específicos, ou seja, acontecimentos diários e factuais, uma informação divulgada de imediato e que sua validade informativa expira em um curto prazo de tempo, já a reportagem ultrapassa os limites da notícia, pois não pretende apenas relatar algo, ela apresenta mais informações e elementos, como texto maior, contextualização, profundidade e apuração mais elaborada.

Crerios de noticiabilidade: É possível identificar que o critério proximidade é o mais levado em consideração na hora de produzir uma matéria sobre a temática da comunidade LGBTQIAPN+ estando presente em todas as sete notícias. Em seguida “Justiça” (julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais e crimes), com quatro matérias, seguido por “Tragédia”, com duas ocorrências, duas de “Conhecimento”, duas de “Polêmica” 02 e por fim os critérios “Conflito” e “Governo” com uma ocorrência cada.

Conteúdo das matérias: Vale ressaltar o contexto em que essas matérias foram noticiadas, a primeira aborda sobre sentença de MS, que condenou homem por manifestações homofóbicas; a segunda conta a trajetória de políticas públicas referentes ao HIV e Aids inserindo a comunidade LGBTQIAPN+ como grupo que foi considerado grupo de risco; a terceira sobre travestis presas que dividem cela com 30 e sofrem preconceito até para trabalhar; a quarta sobre a história de duas mães que levantam a bandeira da igualdade para que os filhos não sofram por causa da cor da pele ou orientação sexual; a quinta trata sobre a polêmica de doação de sangue, e lei proposta que derruba artigo que barra gays; a sexta conta a trajetória de uma mulher trans na busca por liberdade como mulher, onde a entrevistada Márcia viu todas as amigas morrerem e a mesma desafia as estatísticas, contando ainda que a mesma tem o privilégio de envelhecer como mulher trans; a sétima narra sobre o assassinato de Eder Henrique Coenga ou Apollo Black (sua personagem como drag).

Termos e expressões pejorativas encontradas: O quadro 2 identifica os termos pejorativos ligados à comunidade LGBTQIAPN+ encontrados nas reportagens.

Título	Termos
Após ofender juristas de MS e gays, membro de igreja é denunciado no RJ.	“dos travestis”, “uma raça dessa”, “são a própria ofensa em pessoa”, “vocês enjoam a sociedade”, “coisa mais nojenta”, “abominável”, “aberração”, “desgraça da espécie humana”, “tem que pegar uma AIDS”, “vocês são hospedeiros de doença”, “tem que pegar uma AIDS e morrer, miserável”, “baixar no inferno”, “homossexualismo é posseção demoníaca, o final é o inferno”.
Políticas públicas referentes ao HIV e Aids: onde estamos e para onde iremos?	“grupos de risco”
Presas, travestis dividem cela de 30 e sofrem preconceito até para trabalhar.	“Facções têm códigos rígidos e não aceitam conviver com LGBTIs”, “olhavam com preconceito”, “não consideram a identidade de gênero”, “cela dos viados”, “você tem que apanhar”.
Duro não é ser mãe, mais difícil ainda é ser mãe de “preto ou de gay”.	“aquele veadinho”, “aquela bicha” .
Para fim de polêmica em doação de sangue, lei derruba artigo que barra gays.	“cheio de doenças”, “são promíscuos”.
Melhor drag de MS, Eder era “sensacional como pessoa e artista”, dizem amigos.	Não há.
Na busca por liberdade como mulher trans, Márcia viu todas as amigas morrerem.	“matar alguém de nós ‘era um livramento’ para a sociedade”. “Te acertavam com um tapa no rosto”, “eu travei e ouvi o zumbido da bala passando por mim”, “me acertou nas costas com a fivela”

**Quadro 2:** Termos pejorativos encontrados nas sete reportagens publicadas no “Campo Grande News” em 2019.

Fonte: Produzido pelos autores.

Os termos encontrados nas reportagens aparecem em boletins de ocorrência, nas falas dos entrevistados onde eles citam ofensas recebidas nos contextos abordados nas reportagens. É importante destacar que os termos pejorativos ou ofensivos foram reproduzidos pelo repórter na reportagem para se referir a situações apresentadas pelos personagens da matéria conforme será apresentado a seguir.

Na reportagem “Após ofender juristas de MS e gays, membro de igreja é denunciado no RJ” o autor do termo “dos travestis”, emprega o pronome masculino ao se referenciar às travestis. “Uma raça dessa” é usada pelo autor da frase como se as travestis fossem inferiores. Segundo o Dicionário *online* Michaelis (2020), “raça” também

pode significar “grupo de pessoas que são normalmente identificadas por seus defeitos ou falhas de caráter”. “São a própria ofensa em pessoa”, de acordo com o Dicionário Michaelis ofensa significa ação ou efeito de ofender alguém, o autor da frase utiliza esse termo para dizer que a existência das travestis é uma ofensa para outros grupos. Segundo o dicionário “enojar” significa causar nojo ou sentir nojo ou náusea; enojar, nausear, repugnar. Quando o autor se refere a “vocês enojam a sociedade”, diz que a sociedade sente repulsa pelas travestis. Ao utilizar “coisa mais nojenta”, de acordo com o dicionário, nojento é o que provoca nojo ou asco; asqueroso, nauseante, nojoso, repelente. O autor utiliza “abominável” e “aberração”, que significam que merece ser abominado; abominoso, detestável, execrável e anormalidade física ou anatômica respectivamente. Os termos “desgraça da espécie humana”, “tem que pegar uma AIDS”, “vocês são hospedeiros de doença”, também são utilizados ao se referenciar às travestis. Segundo o dicionário, “desgraça” significa qualquer coisa desagradável, AIDS (doença causada pelo vírus HIV) é a deficiência do sistema imunológico humano que foi adquirida pelo ato sexual, por transfusão de sangue contaminado ou pelo uso compartilhado de seringa para o consumo de drogas, síndrome da imunodeficiência adquirida. E quando o autor diz que as travestis são hospedeiras da doença ele se refere ao estereótipo ultrapassado de que as travestis carregam o vírus do HIV, só por serem travestis. Ainda são utilizadas as frases “tem que pegar uma AIDS e morrer, miserável”, “baixar no inferno”, “homossexualismo é possessão demoníaca, o final é o inferno”, miserável significa que tem pouco valor ou importância; ínfimo, insignificante.

O autor utiliza “homossexualismo” termo que já foi utilizado no passado, mas passou a ser homossexualidade devido ao “ismo” que significa doença e homossexualidade já foi comprovada pela Organização Mundial da Saúde que não é doença e “possessão demoníaca”, na qual possessão, na religião, é domínio do corpo por uma entidade, no caso da utilização do autor a entidade é o demônio que na religião é um gênio do mal presente nas religiões judaica e cristã.

Na reportagem “Políticas públicas referentes ao HIV e Aids: onde estamos e para onde iremos?” o termo “Grupos de risco” aparece para se referir à comunidade LGBTQIAPN+ que era vista como um grupo propenso a se infectar com o vírus do HIV, mas o correto é dizer que o grupo pode ter “comportamento de risco”, que corresponde às práticas individuais que podem colocar alguém em risco para a infecção pelo HIV, como, por exemplo, o excesso de ingestão de bebida alcoólica. A reportagem explica no texto o uso equivocado do termo: “o grande problema é que esse termo foi associado de forma estigmatizada e apresenta reflexos até hoje em nossa sociedade, devendo ser completamente combatido”.

Na reportagem “Presas, travestis dividem cela de 30 e sofrem preconceito até para trabalhar” aparecem os termos no corpo da notícia “Facções têm códigos rígidos

e não aceitam conviver com LGBTIs”, “olhavam com preconceito”, “não consideram a identidade de gênero”, “cela dos viados”, “você tem que apanhar”. As facções são grupos de conflito, que marcam a transição de um estado de desorganização para a reorganização da comunidade, ao não aceitarem conviver com pessoas LGBTQIAPN+, já demonstra o preconceito vivido no presídio pelas travestis, “olhavam com preconceito” reafirma isso, visto que, preconceito significa atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos. Não considerar a identidade de gênero das travestis é se referenciar a elas por pronome masculino. “Viados” é utilizado de forma pejorativa e fora de contexto, pois as travestis podem ser lésbicas ou heterossexuais, de acordo com o dicionário a palavra “viado” possui o seguinte significado; diz-se de ou tecido de lã, com riscos ou veios, próprio para a confecção de roupas. Por último, “você tem que apanhar” demonstra a incitação à violência exaltada pelos presos em relação às travestis dentro dos presídios.

Na reportagem “Duro não é ser mãe, mais difícil ainda é ser mãe de ‘preto ou de gay”” aparecem “aquele veadinho” e “aquela bicha”, termos utilizados pejorativamente em reproduções direcionadas ao filho da entrevistada. No dicionário a palavra “veado” aparece como denominação comum aos mamíferos artiodátilos, ruminantes, da família dos cervídeos e no sentido vulgar, como homossexual masculino, mas entende-se que foi usado de forma ofensiva aos homossexuais, assim como o “bicha” que no dicionário aparece como denominação comum a todos os animais de corpo comprido e sem pernas; larva, réptil, verme.

Na reportagem “Para fim de polêmica em doação de sangue, lei derruba artigo que barra gays” aparecem os termos “cheio de doenças”, “são promíscuos”, citados pelo Presidente do Apoio Jovem, Rede Apoio (Rede de homens gays e bissexuais de Mato Grosso do Sul). Aparecem aqui o estereótipo ligado à comunidade LGBTQIAPN+ sobre doenças e a promiscuidade que segundo o dicionário são as pessoas que têm muitos parceiros sexuais ou não os selecionam.

A história de Márcia contada na reportagem “Na busca por liberdade como mulher trans, Márcia viu todas as amigas morrerem” aparecem diversas falas da entrevistada que demonstram a violência sofrida durante sua vida como: “matar alguém de nós ‘era um livramento’ para a sociedade”, “te acertavam com um tapa no rosto”, “eu travei e ouvi o zumbido da bala passando por mim”, “me acertou nas costas com a fivela”. Quando alguém diz que a sua morte será “um livramento” aponta como se este ser humano não tivesse valor algum, não fosse digno de viver, falas deste tipo revelam preconceito e agressão verbal a quem se destina a frase.

## 6 CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste estudo teve como ponto de partida o mês de junho de 2019, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela criminalização da homofobia e da transfobia, com a aplicação da Lei do Racismo (7.716/1989). Durante as publicações de 2019, identificou-se que a homofobia foi uma pauta presente no portal “Campo Grande News”, avaliada a partir da frequência das publicações de conteúdos voltados para a comunidade LGBTQIAPN+. Das 49 matérias coletadas, das quais sete foram analisadas, identificou-se que as notícias têm maior prevalência em assuntos relacionados à capital, contudo foram inseridas também notícias que abordavam a vida dessas pessoas em contexto interiorano. Essa produção revela a importância que o portal representa frente à temática, pesquisando, apurando e produzindo conteúdo diante dos fatos, ampliando a pesquisa sobre esse tema no campo do jornalismo e comunicação no contexto local. Sete notícias apresentaram matérias aprofundadas e até mesmo grandes reportagens de maneira clara evidenciando as vivências dos entrevistados em seus variados contextos, apresentando impactos sofridos pela comunidade LGBTQIAPN+ através de notícias que explanaram sobre essas realidades. Essas características justificam, por exemplo, a utilização de textos maiores com informações relevantes. A análise apontou a predominância de material de autoria da própria equipe do portal, revelando o compromisso do jornalismo com a sociedade.

Nesse sentido, conclui-se que o portal de notícias ‘Campo Grande News’ evidencia, por meio de seus relatos, os reflexos de uma sociedade conservadora que ainda reforça traços de preconceito. Ao mesmo tempo, revela como o Estado e a sociedade têm negligenciado a comunidade LGBTQIAPN+, especialmente pela ausência de iniciativas eficazes no combate à discriminação. As notícias analisadas apresentam contexto e amplificam a voz do lado das vítimas por meio de depoimentos, textos aprofundados e matérias longas numa tentativa de atrair e sensibilizar o leitor com histórias reais.

Observaram-se termos de caráter pejorativo utilizados em situações cotidianas para ofender integrantes da comunidade LGBTQIAPN+ fora de contexto, como por exemplo: “uma raça dessa”, “são a própria ofensa em pessoa”, “você enojam a sociedade”, “coisa mais nojenta”, “abominável”, “aberração”, “desgraça da espécie humana”, “cela dos viados”, “você tem que apanhar”, “cheio de doenças”, “são promíscuos”, entre outros. Buscou-se apontar os significados dos mesmos para evidenciar a desnecessidade de utilização de termos ofensivos por parte da sociedade, principalmente direcionados às minorias.

Stacciarini (2013, p. 12) afirma que o primeiro passo para mudar essa situação é desconstruindo paradigmas da violência assim como da “ineficácia e da acomodação, da sensação de impotência que envolve a sociedade, e está cada vez mais ‘comum’

situação em que se transformou a ideia de que se tem que aprender a conviver com a violência”.

A partir desta análise conclui-se que a comunidade LGBTQIAPN+ está inserida na pauta do portal com notícias que apresentam uma perspectiva negativa, refletindo aspectos de sofrimento e luta por parte desta minoria.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. N. **Direitos humanos e diversidade: uma análise sobre a representação da população LGBTTTI na mídia.** Centro de Comunicação, Turismo e Arte – UFPB, João Pessoa, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 1. Ed. Lisboa: EDIÇÕES 70 – Brasil, 1977.

BRANDÃO, Fagner Alves Moreira. **Religião e homossexualidade: uma abordagem histórica e sociocultural das igrejas cristãs inclusivas em Goiás.** 2021 (ano de depósito) 214 folhas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2021.

CARVALHO DW, FREIRE MT, VILAR G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Rev Panam Salud Publica.** N.31(5):435–8, 2012.

CARVALHO, C. A. **Jornalismo, homofobia e relações de gênero.** 1. Ed. Curitiba: Appris, 2012.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. **Violência: um problema global de saúde pública.** Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. OMS, Organização Mundial de Saúde. Geneva: OMS, 2002.

FEIX, I. **Representações sociais, memória e cultura: a sociedade de consumo e seus estilos de vida imaginados.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba – PR, 2017.

FORTUNA, F. F. **Perfil do ciberjornalismo em Mato Grosso do Sul: mapeamento e avaliação dos portais noticiosos.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) - UFMS: Campo Grande, MS, 2014.

GODOY, E.V.; SANTOS, V. M. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**. Belo Horizonte v.30, n.03, p.15-41. (jul;-set. 2014).

LOPES, Anderson Ferreira. **A Legitimação da Homofobia e Transfobia: Uma Análise Pragmática de Algumas Mídias como Difusoras da Discriminação**. Sergipe: Realize, 2018. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conquer/2018/TRABALHO\\_EV106\\_MD1\\_SA4\\_ID157\\_13032018161421.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conquer/2018/TRABALHO_EV106_MD1_SA4_ID157_13032018161421.pdf). Acesso em: 29 de mar. 2021.

LOURO, G. L. *et al.* **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição, Autêntica: Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/GuaciraLopesLouro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>.

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 29 de mar. 2020.

MIRANDA, M. M. Sociedade, violência e políticas de segurança pública: da intolerância à construção do ato violento. **Coordenação do Espaço de Estudos e Pesquisas das Violências e Criminalidade** – EepViC- Machado Sobrinho. UFJF – MG, 2016.

MORIN, Edgard. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº 20, abril, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2004. p. 404.

NASI, L. e ANDDRETTA, J. **A violência narrada**: Análise de notícias policiais envolvendo adolescentes e jovens em jornais locais de Ijuí – RS. Salão do Conhecimento, Ciência alimentando o Brasil – UNIJUÍ, 2016.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (Org.) **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.

SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. **Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT**. Interdisciplinar, São Cristóvão, v. 29, jan.-jun., p. 57-69, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/download/9624/7457/>.

SILVA, José. Carlos Teixeira. **Tecnologia**: Conceitos e Dimensões. In: XXII Encontro nacional de engenharia de produção - ENGEPE. Anais... p.1- 8. Curitiba. 2002. Disponível em: [http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEPE2002\\_TR80\\_0357.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEPE2002_TR80_0357.pdf).

SILVA, A. et al. **A violência homofóbica no Rio de Janeiro a partir do jornalismo digital**. Interface. Botucatu, 2020. Disponível em: <https://interface.org.br/publicacoes/a-violencia-homofobica-no-rio-de-janeiro-a-partir-do-jornalismo-digital/>.

STACCIARINI, I. C. **A representação da violência nas notícias populares: a construção de uma narrativa dramática**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, UNB: Brasília, DF, 2013.

TELLAROLI, T. M. **Gestão da informação no jornalismo on-line: estudo do portal Campo Grande News**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Unesp: Bauru, SP, 2007.

WINQUES, K. **Apuração e inovação: uma análise da série UOL TAB, do portal UOL**. In: 6º Simpósio de Ciberjornalismo, Campo Grande, MS, 2015.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes Ltda, 2009.